



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Ana Sofia da Rocha Soares

Perceção de Barreiras de Carreira em Jovens Institucionalizados: Estudo Comparativo com Jovens que Vivem em Lares e Jovens que Vivem com Famílias de Origem

Dissertação de Mestrado

Mestrado Integrado em Psicologia

Área de especialização em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho realizado sob orientação da

Doutora Ana Daniela dos Santos Cruzinha Soares da Silva

Junho de 2013

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Introdução.....	1
Método.....	6
Participantes.....	6
Instrumentos.....	7
Procedimento.....	7
Resultados.....	8
Discussão.....	11
Referências.....	15

Índice de Tabelas

Tabela 1.....	9
Tabela 2.....	10
Tabela3.....	11

Agradecimentos

O presente projeto representa para mim, por um lado um ponto de viragem na minha vida e por outro o fechar de um ciclo. Contudo este só se tornou possível graças ao esforço e empenho de um conjunto de pessoas e instituições que, de forma mais ou menos presente, contribuíram para a sua concretização.

“We are all in the gutter, but some of us are looking at the stars.” (Oscar Wild)

Assim, gostaria de dedicar os meus mais sinceros e profundos agradecimentos:

À Doutora Ana Daniela Silva, orientadora científica deste projeto de Mestrado, por sempre se ter mostrado disponível para toda e qualquer dúvida, por sempre me ter apoiado e ajudado nos contratempos que iam surgindo e sempre ter acreditado nas minhas potencialidades. Espero sinceramente que todos os seus projetos (por serem extremamente pertinentes e importantes para a comunidade científica) sejam um sucesso e tragam um ótimo contributo para a prática.

À Doutora Maria do Céu Taveira, que, apesar de uma forma mais indireta, esteve também sempre presente, impulsionando-me sempre em direção ao sucesso, motivando-me e acreditando nas minhas capacidades como aluna e ser humano.

À Universidade do Minho e à Cidade de Braga, que se tornaram a minha “segunda casa” durante os cinco anos passados. Foi neste contexto que cresci enquanto pessoa, a nível formativo e profissional. É para mim um orgulho dizer que estudei na Universidade do Minho, tendo a Instituição como um marco de excelência e profissionalismo.

A todos os profissionais da Escola de Psicologia e do Instituto de Educação, mais concretamente a todos os docentes com que tive o prazer de me cruzar no meu percurso académico, com os quais tive oportunidade de aprender, trabalhar, e evoluir, e que se mostraram sempre disponíveis para me prestar auxílio em todos os momentos desta jornada.

A todos os participantes e intervenientes deste estudo, sem eles não seria possível a realização deste projeto. Obrigada pelo tempo despendido e pela colaboração. Sem vocês a investigação e conhecimento não avançam.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes e sempre me apoiaram em todos os projetos da minha vida, não sendo este exceção. Sempre compreenderam as minhas ausências e sempre compensaram com as suas presenças. Pelos momentos de desabafos, de ajuda, de boa disposição, de carinho, por serem a minha família quando esta está a quilómetros de distância.

À Joana pela sabedoria, pelos momentos “de cozinha”, por ter estado sempre comigo durante esta jornada. Ao Bruno por ser muito mais que um amigo, pela objetividade e pelos momentos de gargalhadas e cumplicidade. Ao meu querido Gang por serem quem são. À Ana pelos momentos finais e pelos “últimos momentos”, que tal como este projeto serão também os primeiros. Ao Nuno, ao Clayton à Maria, por muitos anos de apoio incondicional e presenças constantes. A todos os outros que vão e vêm mas não são menos importantes! A todos vocês um muito obrigada por me ajudarem a ser a pessoa que sou hoje e a profissional que quero ser no futuro.

Por último, um profundo obrigada à minha família, pelo amor incondicional, pelo apoio, por sempre terem acreditado em mim, por nunca terem duvidado que eu seria capaz e sempre terem feito tudo para que assim fosse.

À minha mãe e à Leonor, por todo o amor, por todas as brincadeiras, por me fazerem acreditar que tudo é possível!

À Francisca e à Mafalda, que mesmo não percebendo os trâmites deste projeto sempre estiveram presentes, por todo o carinho.

Aos meus avós, pelo amor, pela compreensão, por toda a ajuda!

Ao meu pai! Por ser o que está mais longe mas ainda assim ser sempre o primeiro a chegar.

A todos Vós dedico este projeto!

Percepção de Barreiras de Carreira em Jovens Institucionalizados: Estudo Comparativo com Jovens que Vivem em Lares e Jovens que Vivem com Famílias de Origem

Resumo

Tendo em conta os poucos estudos realizados no âmbito da percepção de barreiras de carreira em jovens institucionalizados e a desvalorização dos temas vocacionais junto desta população, levando a um ciclo de baixas expectativas tanto dos próprios em relação às suas carreiras, como de terceiros face à carreira dos mesmos, pretende-se, neste artigo, avaliar quais as principais barreiras de carreira sentidas pelos jovens que moram em instituição, bem como as principais barreiras de carreira sentidas pelos jovens que vivem com as suas famílias, comparando-as.

Os participantes foram 133 jovens (42,20 %) que foram comparados com uma amostra de 185 jovens que vivem com as famílias (57,80 %).

As Barreiras de Carreira foram avaliadas através do Inventário de Percepção de Barreiras de Carreira (IPBC; Cardoso, 2009). Foram realizadas análises de comparação de médias para amostras independentes revelando existir diferenças significativas ao nível da percepção das barreiras de carreira entre jovens institucionalizados e jovens que vivem com a família a desfavor dos jovens institucionalizados. Também foram encontradas diferenças de género demonstrando valores mais elevados nas diferentes escalas das barreiras para as raparigas.

Palavras-Chave: Barreiras de Carreira; Jovens Institucionalizados; Diferenças de Género

Perception of Career Barriers Among Foster Youth: A Comparative Study with Young People Living With Families and Young People in Foster Care

Abstract

Given the few studies conducted within the perception of career barriers in foster youth and devaluation of vocational subjects with this population, leading to a cycle of low expectations in relation to their careers, it is intended in this paper to evaluate which are the major career barriers experienced by foster youth, as well as major career barriers experienced by young people living with their families, comparing them.

In this study, participated 135 young in foster care (42,20 %) that were compared with a sample of 185 young living with their families (57,80 %).

Career Barriers were assessed using the Inventory of Perceived Barriers to Career (IPBC; Cardoso, 2009). The analyzes included comparison of means for independent samples, revealed significant differences at the level of perception of career barriers among foster youth and youth living with their families. Were also found gender differences showing higher values in the different scales of the barriers to girls.

Key Words: Career Barriers; Foster youth; Gender differences

INTRODUÇÃO

Os estudos relacionados com a percepção de barreiras da carreira têm-se centrado, em duas grandes vertentes. Por um lado, o estudo das diferenças entre grupos quanto ao género e etnia. Por outro, o estudo dos processos associados à percepção de barreiras de carreira (Cardoso, 2004).

Inicialmente os estudos direcionados para populações minoritárias, relativos a este tema, focavam-se muito nas especificidades da carreira das mulheres e a sua aplicabilidade fundamentou que se tenham alargado a outras populações e contextos, mais concretamente estudos sobre a percepção de barreiras da carreira em grupos etnicamente minoritários (Cardoso & Ferreira Marques, 2005; Gomez, Fassinger, Prosser, Cooke, Mejia, & Luna, 2001; Luzzo & McWhirter, 2001), em pessoas portadoras de deficiência (Fabian & Liesener, 2005), diferenças de género (Cardoso, 2008) e em variados contextos, como por exemplo trabalhos na indústria alimentar (Doss, 2000) e nos serviços de bibliotecas (McDermott, 1998).

As investigações sobre os processos que a percepção de barreiras da carreira envolvem têm-se centralizado na validação do modelo proposto por Swanson e Woitke (1997), procurando-se testar o real papel moderador das variáveis sociocognitivas na percepção de barreiras.

Conceptualizando esta ideia num modelo mais holístico, chegamos à teoria sociocognitiva da carreira de Lent, Brown e Hackett (1994).

A teoria sociocognitiva da carreira bebeu as suas raízes na teoria sócio cognitiva de Bandura (1977, 1986, 1997). O modelo teórico de Lent e colaboradores (1994), assume o desenvolvimento da carreira como resultado de uma interação entre o indivíduo e o seu contexto, sendo que ambos são dinâmicos ao longo do tempo (Carneiro, 2010).

Neste modelo, defende-se que a capacidade do sujeito influenciar e definir a sua carreira prende-se com as expectativas de auto-eficácia e de resultado e os objetivos pessoais. Segundo este modelo, a relação das variáveis interesses, objetivos e sua concretização é moderada pela percepção de barreiras de carreira, variável esta que é tida como uma variável de contexto. Ou seja, sujeitos que exibem baixas expectativas de auto-eficácia relativamente às barreiras de carreira, tendem a minorar a relação entre os interesses e objetivos, e, por sua vez, a relação entre os objetivos e sua concretização (Lent, Brown & Hackett, 1994).

Todavia, estes aspetos não têm sido estruturados focando-se em populações específicas, como é o caso dos jovens que vivem longe e sem a presença das famílias de origem em instituições de acolhimento, mas sim em grandes grupos normativos, sendo muito

abrangentes mesmo quanto se reportam a grupos minoritários (Thompson & Subich, 2012; Swanson & Woitke, 1997; Cardoso, 2004).

A fraca representatividade dos estudos com jovens institucionalizados, no âmbito da carreira, das escolhas da carreira e o pouco conhecimento acerca das suas expectativas face à mesma e das principais barreiras sentidas por estes poderão ser resultado da falta de instrumentos empiricamente validados e adequados (Thompson & Subich, 2012). Este aspeto, leva-nos a querer acentuar a importância que estas variáveis, mais especificamente a perceção de barreiras de carreira, representam no percurso de vida dos jovens e ainda mais a importância que o estudo das mesmas poderá representar na carreira dos jovens institucionalizados, que por si só são já uma população fragilizada e com menos oportunidades, reais e percebidas (Thompson & Subich, 2012; Silva & Ribeiro, 2012; Cardoso & Marques, 2008).

Para além da escassez de estudos relativos ao papel das barreiras de carreira mais concretamente, também se verifica uma lacuna empírica no que respeita à escassez de estudos relativos às estratégias de *coping* utilizadas para ultrapassar estas mesmas barreiras (Thompson, 2013). Com efeito, tão importante como estudar as barreiras de carreira junto desta população é também dotá-los de ferramentas de orientação de carreira para que estes jovens ultrapassem estas mesmas barreiras sentidas e se adequem ao mundo do trabalho, construindo uma carreira sólida e estruturada. Neste âmbito a Psicologia da Carreira tem uma importante missão a assumir.

Ao longo deste estudo iremos considerar a definição de barreiras de carreira dos autores Swanson e Woitke, que as definem como “*acontecimentos ou condições, no sujeito ou no seu contexto, que lhe tornam difícil a progressão na carreira*” (1997, p.446). Para explicar o processo da perceção de barreiras de carreira, estes autores consideram as variáveis sociocognitivas de expectativas de resultados e expectativas de auto-eficácia e consideram ainda que a perceção e avaliação que um sujeito faz de uma determinada barreira dependem de dois momentos díspares. Num primeiro momento, o sujeito considera a hipótese de determinada barreira existir. Num segundo momento, o sujeito reflete sobre em que medida essa barreira é ou não superável (Swanson & Woitke, 1997). Estes momentos correspondem então às expectativas de resultado e expectativas de auto-eficácia, respetivamente.

As expectativas de auto-eficácia também regulam este processo, na medida em que sujeitos com altas expectativas de auto-eficácia tendem a minimizar o grau de dificuldade das barreiras face à concretização dos seus objetivos (Cardoso, 2004).

Os resultados das várias investigações neste âmbito têm atestado as hipóteses que o modelo teórico de Swanson e Woitke (1997) coloca quanto ao papel moderador das variáveis sociocognitivas na percepção de barreiras (Luzzo & McWhirter, 2001). Assim sendo, os resultados têm sugerido que a percepção de barreiras de carreira poderá ser um estímulo para a concretização de objetivos relativos à carreira para pessoas com altas expectativas de auto-eficácia e um bom locus de controlo interno, sugerindo assim que estas variáveis também poderão moderar o impacto da percepção de barreiras em si mesmo, podendo então funcionar, estimulando ou desmotivando, para o planeamento e exploração da carreira (Cardoso & Marques, 2001).

No seguimento da ideia anterior, temos que segundo a perspetiva sociocognitiva de Bandura (1982) e Lent, Brown e Hackett (1994), há variáveis que influenciam diretamente a carreira e a percepção de barreiras da mesma, nomeadamente o abandono escolar e o baixo rendimento académico, que podem ser explicadas pelos processos de aprendizagens que se dizem mais formais e pelos processos de aprendizagem de natureza mais social, mais precisamente variáveis que intervêm na construção de crenças de auto-eficácia, que se consolidam em experiências académicas e em respostas do meio envolvente. A teoria sócio cognitiva da carreira atribui especial atenção ao contexto e às várias variáveis do contexto para explicar escolhas, objetivos e ações individuais (Thompson & Subich, 2012).

Assim sendo, jovens que pertencem a grupos sociais mais desfavorecidos ou jovens em condições socio-emocionais mais fragilizadas, como a população focada neste estudo, tenderão a organizar as suas decisões face à carreira numa perspetiva mais demarcada de si e das suas oportunidades, facto que poderá levar a um baixo envolvimento em tarefas académicas e relativas à sua carreira, percecionando mais barreiras e ainda barreiras mais complexas e difíceis de contornar (Lopes & Teixeira, 2010). Sendo também defendida a ideia de que as expectativas parentais influenciam significativamente o desenvolvimento vocacional dos jovens, ajudando a estruturar e a modelar as suas aspirações vocacionais, conseqüentemente ajudando na construção da identidade vocacional dos jovens (Bandura, 1982). Neste âmbito, recentemente foi levado a cabo um estudo de meta-análise (Sheu *et al.*, 2010), que corroborou esta ideia, reforçando também a teoria de que as barreiras de carreira influenciam direta e indiretamente os objetivos e escolhas vocacionais.

Em 2000, Lent e colaboradores, numa tentativa de aprimorar o seu modelo teórico, distinguiram expectativas de resultado a curto e longo prazo. Assim, temos que as expectativas de resultado a curto prazo se referem às barreiras e aos suportes da carreira e as expectativas de resultado a longo prazo referiam-se a valores pessoais e objetivos que os sujeitos pretendem

atingir. As expectativas a curto prazo são tidas como variáveis de processo, sendo que um sujeito pode escolher uma determinada profissão porque percebe a ter um bom estatuto socioeconómico, mas ao mesmo tempo percebe um conjunto de barreiras adjacentes a essa profissão.

No caso dos jovens institucionalizados, podemos facilmente perceber a grande influência do contexto na percepção de barreiras de carreira, que por sua vez moderam as variáveis interesses, objetivos pessoais e a concretização dos mesmos. Estas variáveis estão diretamente relacionadas com as expectativas de auto-eficácia e de resultado, que no caso desta população expectam-se que sejam mais baixas, ou seja, espera-se que estes jovens percebam mais barreiras de carreira e estas se diferenciem das de outras populações maioritárias, na medida em que, voltando à perspetiva sociocognitiva (Bandura, 1982; Lent, Brown & Hackett, 1994), o apoio parental e emocional destes jovens é significativamente menor ou escasso, as oportunidades reais ou percebidas são também inferiores e de menor qualidade. Esta previsão é ainda sustentada pela ideia que a psicologia da carreira tem vindo a reforçar de que a família é cada vez mais um domínio facilitador no processo de exploração para os jovens (Silva & Ribeiro, 2012; Gonçalves & Coimbra, 2007; Ribeiro, 2010), *“bem como um contexto de aprendizagem e realização fundamental no processo de construção da carreira dos jovens”* (Silva & Ribeiro, 2012, p.2).

Será expectável também que as representações destes jovens quanto aos obstáculos à sua carreira reflitam especificidades do grupo de pertença (é uma população minoritária e muito específica). A saber, exemplos destas diferenças consoante o grupo de pertença são os resultados de vários estudos que demonstram que as raparigas têm habitualmente resultados mais elevados do que os rapazes nas diferentes escalas de avaliação da percepção de barreiras da carreira (Cardoso, 2008; Cardoso, 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001), sendo a discriminação sexual e o conflito de papéis o tipo de barreiras mais apontados para diferenciar significativamente as raparigas dos rapazes. A discriminação étnica é o tipo de barreira que se pode considerar específica dos jovens etnicamente minoritários (Cardoso, 2008; Cardoso, 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001), ressalvando, mais uma vez, que não foram encontrados estudos relativos aos jovens institucionalizados.

Contudo, contemplando-se a forte relação do meio e dos pais na definição de carreira dos jovens e conseqüentemente nas barreiras por estes percebidas, observamos que os jovens institucionalizados estão claramente em desvantagem na definição da sua identidade vocacional e pessoal, destacando e reforçando novamente a ideia da importância de conhecer de forma aprofundada quais são as barreiras por estes sentidas, bem como, acentuando a

importância de serem realizados outros estudos relativos à carreira junto de jovens institucionalizados, como forma de perceber quais as principais lacunas e tentar inverter o estigma associado à escolaridade e carreira de populações mais desfavorecidas, trabalhando numa vertente de carácter mais preventivo, esperando, assim, desenvolver modelos teóricos que possam explicar a variância existente nos vários domínios da carreira e que possam ser usados como guias para a intervenção com estes jovens e outras populações na mesma condição socioeconómica, social e psicodesenvolvimental (Silva & Ribeiro, 2012).

No âmbito dos estudos sobre percepção de barreiras da carreira, *“a análise das representações que os indivíduos têm dos obstáculos ao seu desenvolvimento da carreira e das estratégias que utilizam para lidar com os mesmos permitem indicadores que podem contribuir para a estruturação de intervenções promotoras de atitudes e comportamentos facilitadores da gestão da carreira bem como da igualdade de oportunidades”* (Cardoso, 2008, p. 4), reforçando a importância dos estudos sobre a percepção de barreiras junto da população em questão. Os principais motivos apontados pelo Instituto da Segurança Social (2010), para as dificuldades nos percursos académicos dos jovens institucionalizados são as prévias dificuldades de integração e de sucesso escolar (elevados índices de abandono ou absentismo escolar), diversas dificuldades de aprendizagem e falta de bases académicas, dificuldades emocionais que se traduzem em instabilidade e em dificuldades de funcionamento em grupo.

Segundo Bronfenbrenner (1996), as diferenças entre o lar no seio familiar e o acolhimento institucional, não se limitam apenas ao nível do microsistema, na medida em que, por exemplo, ao nível do mesossistema, a institucionalização isola e afasta mais as crianças/jovens de outros ambientes, limitando também ao nível das experiências. Ao nível do exossistema, as próprias práticas e funcionários da instituição são menos prováveis de trazer influências da comunidade externa. Por fim, crescer numa instituição acarreta estigmas inerentes, que perturbam toda a conceção da criança/jovem acerca de si mesma, bem como as suas experiências passadas que também contribuem para perturbações emocionais graves e uma previsão de um futuro de fracassos.

Existem vários fatores que podem ser apontados para explicar possíveis disparidades encontradas ao nível do desenvolvimento na carreira destes jovens, tanto no que concerne às escolhas, persistência para a concretização das mesmas, objetivos, expectativas de auto-eficácia e padrões de sucesso como em relação às possíveis barreiras por estes sentidas, tanto em número como no tipo de barreiras sentidas.

O processo de institucionalização constitui-se então, muitas vezes, como um processo ambíguo para a criança/jovem. Se por um lado, o percecionam como positivo, na medida em que não são expostos a comportamentos desviantes, não sofrem de maus tratos nem são negligenciados e encontram muitas vezes o suporte de adultos e figuras de vinculação seguras, que junto das famílias de origem não encontravam. Por outro, não estão junto das suas famílias, têm rotinas em grupo (facto que pode minorar alguma atenção individualizada) e têm menos liberdade e contactos com o exterior devido às políticas e regras das instituições.

O objetivo deste estudo é analisar a perceção de barreiras da carreira em jovens adolescentes institucionalizados, utilizando como base de comparação a perceção de barreiras de carreira em jovens que vivem com as suas famílias de origem e com base nisto retirar implicações para a intervenção psicológica vocacional com esta população.

MÉTODO

Esta investigação pretende analisar as perceções de barreiras de carreira de jovens institucionalizados, comparando-as com as de jovens que vivem no seio da família de origem.

Na abrangente temática do acolhimento institucional, a perspetiva sobre as perceções de barreiras de carreira destes jovens foi aquela que nos despertou mais interesse, uma vez que se pretendia identificar a forma como os sujeitos percecionam o seu futuro, tanto profissional como pessoal, e quais as barreiras que percecionam como futuramente integrantes na sua carreira, pretendendo apurar se existiam diferenças significativas entre as perceções de barreiras de carreira destes jovens com outros jovens em situação socio emocional e económica mais favorável, morando com a família de origem, verificando também se estas barreiras diferiam quer no seu conteúdo quer em número.

Participantes

No estudo participaram 320 jovens dos quais 133 (42,2%) estão institucionalizados em Lares de Infância e Juventude (58 raparigas (43,61%) e 75 rapazes (56,39%)) e 185 (57,8%) jovens vivem com as famílias de origem (78 raparigas (42,16%) e 107 rapazes (57,84%)) com idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos ($M= 16,60$, $DP= 2,06$). Os participantes distribuem-se geograficamente por Portugal Continental Zona Norte (77.7%), Zona Centro (8.8%) e Ilhas (13.5%). O processo de amostragem foi aleatório.

Instrumentos

O instrumento selecionado para este estudo foi o Inventário de Percepção de Barreiras de Carreira (IPBC; Cardoso, 2009). O IPBC pretende avaliar a percepção que os adolescentes têm de atuais e futuras barreiras ao seu desenvolvimento da carreira (Cardoso, 2009). Para tal, é constituído por um conjunto de 74 itens, estruturados em 11 escalas, sendo elas: Discriminação Geral (3 itens), Discriminação Sexual (7 itens), Discriminação Étnica (5 itens), Falta de Apoio (10 itens), Saúde (5 itens), Conflito de Papéis (15 itens), Restrição de Oportunidades (5 itens), Indecisão (6 itens), Limitações na Formação (6 itens), Falta de Confiança (7 itens) e Falta de Interesse (5 itens).

É um instrumento desenvolvido para adolescentes do 9º ao 12º ano de escolaridade, tendo um tempo aproximado de aplicação de 20 minutos (contudo não há tempo limite), e normas percentílicas, separadas por escolaridade e género (Cardoso, 2009).

A folha de respostas tem na parte superior um cabeçalho onde se indica informação demográfica, seguindo-se cada um dos itens com a respetiva escala de intervalos de 7 pontos onde se registam as respostas, em que 1 significa “Não é ou não será uma barreira” e 7 significa “Dificultará completamente”.

A cotação deste instrumento realiza-se através da soma das pontuações dos itens de cada uma das escalas, dividindo no final pelo número total de itens dessa escala. O resultado da média diz respeito ao resultado que deve depois ser convertido num valor percentílico, usando, para o efeito, as tabelas estipuladas para o efeito. Assim, será possível observar o tipo de barreiras mais esperadas pelo jovem, ao seu desenvolvimento de carreira (Cardoso, 2009). É uma prova com fiabilidade e validade de constructo, cujos coeficientes alfa de Cronbach, variam entre .75 e .92. Sendo estes bons indicadores de consistência interna do inventário (Cardoso, 2009).

Procedimento

Os dados desta investigação foram recolhidos no âmbito de um projeto de investigação mais amplo, atualmente em curso, que pretende avaliar os percursos de carreira de jovens (SFRH/BPD/64078/2009).

Para a recolha de dados foram efetuados contatos formais junto das instituições de acolhimento de crianças e jovens de norte a sul do país, incluindo ilhas. Para o grupo de controlo foram contactadas escolas. Em ambos os contextos foram dados a conhecer os objetivos globais do estudo e foram garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados.

Após concessão de autorização e de consentimento informado dos participantes, a recolha realizou-se segundo todos os parâmetros éticos da investigação em psicologia por colaboradoras acreditadas pelo projeto. Este processo decorreu em contexto de sala de aula, no caso das escolas, na presença de um professor e/ou colaborador. Nos LIJ teve lugar numa sala reservada pelos responsáveis da instituição para o efeito, sempre que possível com a presença de colaboradores do projeto. A administração do protocolo demora em média cerca de 60 minutos.

Para a análise dos resultados foi utilizada a versão 20 do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, IBM). Foram realizadas análises de estatística descritiva (cálculo de médias e desvios-padrão), consideradas adequadas para descrever as variáveis em causa na análise. Analisaram-se as diferenças entre os dois grupos de estudo recorrendo ao Teste *T-student*. A escolha por este teste obedeceu a um estudo prévio acerca da normalidade da amostra nas diferentes escalas de barreiras avaliadas. Apesar de algumas escalas não respeitarem o princípio da normalidade (Discriminação Geral; Discriminação Étnica; Saúde; e Falta de Interesse) decidiu-se optar pelos testes paramétricos para todas as escalas na medida em que os resultados com os testes não paramétricos são semelhantes aos obtidos com o teste paramétrico.

Dada a questão de investigação apontar no sentido de diferenças no âmbito de um *design* inter-sujeitos, comparando dois grupos independentes e sendo a variável dependente ser intervalar, acrescentando os motivos apresentados anteriormente optou-se então pela utilização de testes t para amostras independentes.

RESULTADOS

Neste ponto do trabalho apresentam-se os resultados relativos ao estudo das diferenças na perceção de barreiras de carreira entre os jovens institucionalizados e os jovens que vivem com as famílias, bem como as diferenças entre raparigas e rapazes em cada um dos grupos estudados.

A tabela 1 apresenta os resultados da comparação entre os dois grupos em estudo quanto à perceção de barreiras de carreira.

Tabela 1: Medidas descritivas das Barreiras de carreira e resultados do teste T-*student* para amostras independentes – Comparação entre grupos Lar/Família

	Lar (n=133)		Família (n=185)		t	p (sig)
	M	DP	M	DP		
Discriminação geral	3,400	1,689	2,786	1,377	3,58	0,000***
Discriminação sexual	3,436	1,330	2,826	1,209	4,28	0,000***
Discriminação étnica	3,615	1,433	2,967	1,232	4,34	0,000***
Falta de suporte	3,410	1,285	2,970	1,121	3,26	0,001***
Saúde	3,519	1,391	3,041	1,328	3,11	0,002**
Conflito de papéis	3,612	1,300	3,116	1,229	3,48	0,001***
Restrição oportunidades	3,817	1,420	3,468	1,467	2,13	0,034*
Indecisão	3,540	1,364	3,243	1,299	1,97	0,049*
Limitação da formação	3,800	1,513	3,293	1,347	3,16	0,002**
Falta de confiança	3,613	1,443	3,010	1,214	4,05	0,000***
Falta de interesse	3,595	1,500	3,099	1,289	3,17	0,002**

*p<0,05; **p<0,01; *** p< .001.

Como se pode observar na tabela 1 verificam-se diferenças significativas entre os dois grupos de jovens, nomeadamente corroborando a ideia de que os jovens que vivem em Lar percebem maior número de barreiras de carreira que os jovens que vivem com as famílias de origem.

Também foram feitas análises no sentido de perceber se haviam diferenças entre rapazes e raparigas dentro de cada grupo individualmente (tabelas 2 e 3).

Tabela 2: Medidas descritivas das Barreiras de carreira e resultados do teste *T-student* para amostras independentes – Comparação entre raparigas e rapazes que vivem em LIJ

	Raparigas (n=58)		Rapazes (n=75)		t	p (sig)
	M	DP	M	DP		
Discriminação geral	3,546	1,748	3,280	1,663	0,89	0,373
Discriminação sexual	3,606	1,382	3,312	1,293	1,26	0,210
Discriminação étnica	3,755	1,471	3,493	1,368	1,06	0,291
Falta de suporte	3,593	1,334	3,271	1,230	1,45	0,151
Saúde	3,793	1,470	3,323	1,307	1,95	0,053*
Conflito de papeis	3,771	1,363	3,502	1,244	1,19	0,238
Restrição oportunidades	4,030	1,535	3,677	1,307	1,43	0,154
Indecisão	3,652	1,307	3,453	1,375	0,85	0,399
Limitação da formação	3,865	1,523	3,738	1,500	0,48	0,631
Falta de confiança	3,884	1,494	3,411	1,383	1,89	0,061 ⁺
Falta de interesse	3,701	1,504	3,531	1,498	0,65	0,518

*p<0,05; ⁺p<.10.

No que concerne às diferenças entre sexos dentro do grupo “jovens que vivem em Lar” (tabela 2), verifica-se que as raparigas que vivem em Lar diferem dos rapazes ao nível da perceção de Saúde, sendo que as raparigas percecionam ter mais saúde que os rapazes ($t(131)=1,95$, $p<0,05$). Também foram detetadas diferenças marginalmente significativas entre rapazes e raparigas ao nível da Falta de Confiança ($t(131)= 1,89$, $^+ p<.10$). As raparigas tendem a percecionar mais falta de confiança que os rapazes.

A tabela 3 apresenta os resultados do teste de diferenças entre raparigas e rapazes na população de jovens que vivem com as suas famílias.

Tabela 3: Medidas descritivas das Barreiras de carreira e resultados do teste *T-student* para amostras independentes – Comparação entre raparigas e rapazes que vivem com a família

	Raparigas (n=78)		Rapazes (n=107)		T	p (sig)
	M	DP	M	DP		
Discriminação geral	2,953	1,504	2,664	1,269	1,42	0,158
Discriminação sexual	3,046	1,244	2,665	1,162	2,14	0,034*
Discriminação étnica	3,182	1,295	2,810	1,164	2,05	0,042*
Falta de suporte	3,114	1,165	2,865	1,082	1,50	0,135
Saúde	3,151	1,350	2,961	1,313	0,96	0,337
Conflito de papéis	3,325	1,318	2,963	1,143	1,99	0,048*
Restrição oportunidades	3,660	1,449	3,327	1,470	1,53	0,127
Indecisão	3,312	1,325	3,193	1,283	0,61	0,540
Limitação da formação	3,566	1,439	2,877	1,187	2,39	0,018*
Falta de confiança	3,192	1,234	2,877	1,187	1,75	0,081 ⁺
Falta de interesse	3,231	1,374	3,003	1,221	1,19	0,237

*p<0,05; ⁺p<.10.

Como se pode observar na tabela 3, relativamente às diferenças entre raparigas e rapazes no grupo dos jovens que vivem no seio da família de origem foram encontradas mais diferenças comparativamente às encontradas no grupo de jovens que vivem em Lares, nomeadamente ao nível da Discriminação Sexual ($t(183)=2,14$, $p<.05$), ao nível da Discriminação Étnica ($t(183)=2,05$, $p<.05$), ao nível do Conflito de Papeis ($t(183)=1,99$, $p<.05$), ao nível da Limitação da Formação ($t(183)= 2,39$, $p<.05$) e ainda diferenças marginalmente significativas ao nível da Falta de Confiança ($t(183)= 1,75$, $p<.10$). As raparigas percecionam mais discriminação sexual e étnica, maior conflito de papéis e maiores limitações da formação, tendem também a percecionarem maior falta de confiança que os rapazes.

DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo explorar quais as principais barreiras de carreira que os jovens institucionalizados percecionavam para o seu futuro e se estas se diferenciavam em

grau das que os jovens que vivem com as suas famílias percecionam. Dedicou-se ainda a explorar, nestes dois contextos de vida se haveria diferenças entre raparigas e rapazes quanto à perceção destas barreiras.

Os resultados mostraram existir diferenças significativas ao nível das barreiras de carreira entre jovens institucionalizados e jovens que vivem no seio da família de origem.

Apesar da escassez de estudos empíricos na literatura que tenham estudado as barreiras de carreira com jovens institucionalizados, estes resultados vão um pouco de encontro ao que se antecipa nestas populações que se encontram mais vulneráveis a percursos e trajetórias de carreira menos positivos, pautadas por exemplo, por um elevado défice académico (Silva & Ribeiro, 2012; Lopes & Teixeira, 2010), dificuldades ao nível da obtenção de emprego (Silva & Ribeiro, 2012), entre outras.

Apesar das diferenças encontradas, verifica-se que as médias entre cada uma das escalas na população de jovens institucionalizados se encontram próximas ou ligeiramente acima do ponto médio (3,5), o que apesar de tudo, pode ser um indicador positivo relativamente à perceção de barreiras de carreira nestes jovens. As escalas que apresentaram índices mais elevados nos jovens institucionalizados foram: a Restrição de oportunidades, as Limitações na formação e a Discriminação étnica. O facto de estas serem as escalas que apresentam valores mais elevados pode justificar-se pelo facto destes jovens percecionarem elevados índices de discriminação nos vários contextos (Cardoso & Ferreira Marques, 2001; McWhirter, 1997; Thompson, 2013). Por outro lado, estes dados podem também alertar-nos para o facto do sistema de acolhimento necessitar de um maior investimento em providenciar oportunidades de formação, bem como oportunidades profissionais, numa base igualitária providenciando suporte adequado às necessidades destes jovens. Contudo, podemos verificar também que as barreiras mais elevadas nos jovens institucionalizados são também aquelas que são mais elevadas nos jovens que vivem com as famílias, com exceção da discriminação étnica, parecendo que estes grupos não se diferenciam tanto quanto ao conteúdo das barreiras que percecionam.

Segundo a literatura, os resultados mais elevados nas barreiras tendem também a ser expressão de baixas expectativas de auto-eficácia uma vez que estudos demonstram que as pessoas mais auto-confiantes tendem a esperar menos obstáculos ao seu desenvolvimento da carreira (Flores & O'Brien, 2002; Lent et al., 2001; Luzzo & McWhirter, 2001). No entanto, é possível que jovens com grande investimento na sua carreira também tendam a planear mais e, conseqüentemente, tenham maior perceção de barreiras sem que isso corresponda a baixas expectativas de auto-eficácia (Cardoso & Moreira, 2009). Segundo Cardoso (2009), é possível

também encontrar estes resultados em jovens com algum desinvestimento nos estudos, com dificuldades em se projetar no futuro e/ou pouco motivados ao planeamento da carreira. Desta forma, os resultados obtidos parecem apontar para a necessidade das intervenções de carreira com esta população de jovens institucionalizados incidirem na promoção da autoeficácia nos papéis de vida, na promoção de competências académicas e profissionais, e na promoção de sistemas de suporte e apoio académico, pessoal e emocional, pois são aspetos que estão em estreita ligação com a perceção de barreiras de carreira e que poderão restringir os planos de carreira destes jovens.

Os resultados mostraram ainda existirem diferenças significativas entre raparigas e rapazes, tanto dentro do grupo dos jovens que vivem em Lares como dos jovens que vivem com as famílias de origem. Concretamente, as raparigas que vivem em Lares percecionam ter mais barreiras relacionadas com problemas de saúde e tendem a relatar maior Falta de Confiança que os rapazes. As raparigas que vivem com as famílias de origem, apresentam uma maior perceção de barreiras em relação aos rapazes em categorias específicas como Discriminação Sexual, Discriminação Étnica, Conflito de Papeis, Limitação da Formação e da Falta de Confiança. Estes resultados parecem indicar que apesar das diferenças entre rapazes e raparigas se sentirem nos dois grupos parecem ser mais salientes nos jovens que vivem com as famílias de origem. Possivelmente porque a educação nos papéis de género seja mais marcante no contexto familiar do que no contexto institucional. Por outro lado, o facto de muitas destas instituições serem só de rapazes ou só de raparigas, pode contribuir para que estes jovens ainda não tenham conseguido explorar bem os seus papéis de género e não tenham tomado consciência acerca das barreiras que poderão encontrar em contextos relacionais mais mistos.

Estes resultados chamam-nos a atenção para as questões de género, e para a sua importância na prática. Não podemos só atender, em investigações futuras com estas populações, às questões do contexto, sendo que as questões do género se revelaram igualmente importantes no estudo da carreira e das barreiras, podendo influenciar diretamente a perceção dos jovens quanto às barreiras e, de uma forma mais holística a própria carreira em si.

Estudos como os de Cardoso (2008) também evidenciaram diferenças significativas entre rapazes e raparigas ao nível da discriminação sexual, bem como a evidência de médias superiores às dos rapazes nas restantes escalas do IPBC, remetendo-nos para a ideia que as raparigas estão em desvantagem nas questões da carreira e percecionam mais barreiras que os rapazes. Outros estudos (Cardoso, 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001; McWhirter,

1997) mostram também que as representações e percepções que os jovens têm em relação à sua carreira refletem especificidades do seu grupo de pertença, existindo diferenças entre raparigas e rapazes, tendo as raparigas geralmente resultados mais elevados nas escalas que avaliam a percepção das barreiras de carreira. Sendo que as escalas de Discriminação Sexual e Conflito de Papéis são as que mais se diferenciam entre rapazes e raparigas, sendo também que a escala de Discriminação Étnica é o tipo de barreira mais intrínseca a jovens que pertencem a grupos minoritários.

Apesar de considerarmos que este estudo constituiu um passo importante para o estudo de um grupo específico de jovens, com necessidades de intervenção do ponto de vista de carreira e ao qual a literatura tem dedicado pouca atenção (Thompson & Subich, 2012), é importante considerar algumas limitações do mesmo que deverão ser colmatadas em estudos futuros.

Uma das dificuldades encontradas prendeu-se com a recolha de dados junto dos jovens que vivem em Lares, dado estas Instituições, devido à sua natureza, serem bastante fechadas e com muitas tarefas sendo difícil disponibilizarem tempo e esforço para colaborar em investigações. Este facto contribuiu para a subrepresentatividade da população LIJ o que afeta a generalização das conclusões.

Uma outra limitação prendeu-se com o tamanho do instrumento utilizado (IPBC). Apesar de ser o único instrumento adaptado para a população portuguesa para avaliar as barreiras de carreira e ter resultados favoráveis este é um questionário bastante extenso e, por vezes, as respostas dos sujeitos tendiam a ser aleatórias, facto que fez com que durante a sua aplicação a investigadora presente tivesse que ter especial atenção a esta questão e auxiliasse os sujeitos sempre que necessário para evitar respostas aleatórias, mas o cansaço dos sujeitos era notório. Como tal, consideramos que o desenvolvimento de uma versão mais breve deste instrumento seria um passo importante que nos permitirá progredir no estudo desta dimensão, especialmente, com populações com algum défice académico como é o caso dos jovens que vivem em Lares de Infância e Juventude.

Com base nisto, consideramos que os resultados obtidos não devem ser interpretados de forma estática, na medida em que serão necessários mais estudos neste âmbito e de forma mais aprofundada, abrindo uma janela para investigações futuras nesta área e alertando para a necessidade de criar instrumentos e modelos empiricamente validados para estudar as questões da carreira junto desta população.

REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (1982). Self-Efficacy Mechanism in Human Agency. *American Psychologist*, 37 (2), 122-147.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experiências naturais e planeadas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Cardoso, P. & Ferreira Marques, J. (2001). Perceção de barreiras da carreira em adolescentes e sua relação com as atitudes de planeamento e exploração da carreira, *Revista Portuguesa de Psicologia*, 35, 67-80.
- Cardoso, P. & Moreira, J. (2009). Self-efficacy beliefs and the relation between career planning and perception of career barriers. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 9, 177-188.
- Cardoso, P. (2004). *Perceção de barreiras da carreira: nova abordagem para Um problema de sempre*. Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- Cardoso, P. (2006). *Perceção de barreiras da carreira em alunos do 9º e 12º anos de escolaridade: uma abordagem desenvolvimentista*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade de Évora.
- Cardoso, P. (2008). Perceção de barreiras da carreira em adolescentes portugueses. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 141-161.
- Cardoso, P. (2009). *Inventário de perceção de barreiras da carreira*. Coleção de Textos Científicos e Didáticos. Departamento de Psicologia da Universidade de Évora. Évora, Portugal.
- Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (2005, Setembro). *Perception of career barriers: The importance of gender and ethnic variables*. Comunicação apresentada na International Association for Educational and Vocational Guidance Conference, Lisboa, Portugal.
- Carneiro, J. (2010). *Gestão Pessoal da Carreira Estudo de um Modelo de Intervenção Psicológica com Bolseiros de Investigação*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Doss, L. (2000, November). Women's foodservice forum study reveals main career barriers. *Nation's Restaurant News*, New York. Acedido em 14 de Janeiro de 2002, de <http://www.proquest.umi.com/pdqweb?TS=101543>.

- Fabian, E. S., & Liesener, J. J. (2005). *Promoting the career potential of youth with disabilities*. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds), *Career Development and Counseling: Putting theory and research to work* (pp. 551-572). New York:John Wiley.
- Flores, L. Y., & O'Brien, K. M. (2002). The career development of Mexican American adolescent women: A test of social cognitive career theory. *Journal of Counseling Psychology, 49*, 14-27.
- Gomez, M. J., Fassinger, R. E., Prosser, J., Cooke, K. Mejia, B., & Luna, J. (2001). Voices forging paths: A qualitative study of the career development of notable latinas. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 286-300.
- Gonçalves, C. M. & Coimbra, J. L. (2007). O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais de seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 8*(1), 1-17.
- Instituto da Segurança Social, I.P. (Março, 2010). *Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento em 2009*. Lisboa: ISS,IP.
- Lent, R. W., & Hackett, G. (1994). *Sociocognitive mechanisms of personal agency in career development: Pantheoretical prospects*. In M. L. Savickas e R. W. Lent (Eds.), *Convergency in career development theories: Implications for science and practice* (pp. 77-101). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G., (1994). Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice and performance. *Journal of Vocational Behavior, 45*, 79-122.
- Lent, R. W., Brown, S. D., Brenner, B. Chopra, S. B., Davis, T., Talleyrand, R., & Suthakaran, V. (2001). The role of contextual supports and barriers in the choice of math/science educational options: A test of social cognitive hypotheses. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 474-483.
- Lopes, A. R., & Teixeira, M. O. (2010). *As Expectativas Parentais em Adolescentes em Risco de Abandono Escolar*. In Taveira, M. C. & Silva, A. D. (coords.) *Actas da VI Conferência Desenvolvimento Vocacional 2010: Avaliação e Intervenção*. Actas em CD.
- Luzzo, D. A. (2000). *Identifying effective strategies for coping with career related barriers*. In M. Pope, & C. W. Minor (Eds.), *Experiential activities for teaching career classes and for facilitating career groups* (pp. 162-165). Tulsa, OK: National Career Development Association.

- Luzzo, D. A., & McWhirter, E. H. (2001). Sex and ethnic differences in the perception of educational and career-related barriers and levels of coping efficacy. *Journal of Counseling and Development, 79*, 61-67.
- McDermott, E. (1998). Barriers to women's career progression in LIS. *Library Management, 19*, 416-420.
- McWhirter, E. H., (1997). Perceived barriers to education and career: ethnic and gender differences. *Journal of Vocational Behavior, 50*, 124-140.
- Ribeiro, M. A. (2010). A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais, 5*(1), 120-130.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). New York: John Wiley.
- Sheu, H., Lent, R. W., Brown, S. D., Miller, M. J., Hennessy, K. D., & Duffy, R. D. (2010). Testing the choice model of social cognitive career theory across Holland themes: A meta-analytic path analysis. *Journal of Vocational Behavior, 76*, 252–264.
- Silva, A. D., & Ribeiro, M. A. (2012). Learning, achievement and career of institutionalized youths: Portraits of the portuguese and brazilian realities. In M.C. Taveira, J. C. Pinto, A. D. Silva, *Learning, Achievement and Career Development* (pp.27-53).Braga: APDC Edições.
- Sullivan, K. R., & Mahalik, J. R (2000) Increasing career self-efficacy for women: evaluating a group intervention, *Journal of Counseling and Development, 78*, 54-62.
- Swanson, J. L. & Woitke, M. B. (1997). Theory into practice in career assessment of women: assessment and interventions regarding perceived career barriers. *Journal of Career Assessment, 5*, 443-462.
- Thompson, M. (2013). Career Barriers and Coping Efficacy Among Native American Students. *Journal of Career Assessment, 21*(1), 1-15.
- Thompson, M. & Subich, L. (2012). Development and Exploration of the Experiences With Classism Scale. *Journal of Career Assessment, 20* (1), 1-20.